

ETHOS LITERÁRIO DA MULHER BRASILEIRA E TURISMO SEXUAL

Charles dos Reis Alves¹
Larissa Martins de Queiroz
Lauro Moraes
Mara Rute Lima

RESUMO

A partir da ideia de que a literatura não justifica o turismo sexual, mas contribui para produzir estereótipos e estigmas, este artigo busca apresentar a intrínseca relação entre a representação social da mulher brasileira na arte literária, a construção de uma identidade feminina e o turismo sexual no Brasil. Para tanto, realiza-se uma pesquisa bibliográfica, com o aporte teórico das Representações Sociais e revisão de literatura em turismo sexual, bem como um levantamento de dados sobre o turismo sexual na sociedade contemporânea. Além disso, apóia-se em quatro importantes obras da literatura nacional, restringindo-se na análise do comportamento dos seus principais tipos: Rita Baiana (O Cortiço), Gabriela (Gabriela, cravo e canela), Capitu (Dom Casmurro) e “Inocentes índias” descritas na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal. Observa-se que a ficção literária desempenha relevante papel na construção de um *ethos* feminino que reflete e, ao mesmo tempo, contribui para a formação de representações sociais. A leitura sócio-antropológica do tema conduz à constatação de que o desejo do turista em relação às brasileiras pode perpassar, entre outros fatores, pela imagem idealizada de um ser nu e propício ao sexo.

Palavras-chave: Turismo sexual. Ethos. Literatura. Representações Sociais.

1 INTRODUÇÃO

As discussões em torno do turismo sexual parecem possuir uma espécie de imã. Poucas temáticas atraem e instigam tantos debates entre profissionais e estudiosos das mais variadas áreas. Imoral, perverso, racista, ilícito, criminoso. Os adjetivos podem variar de acordo com a abordagem adotada. Nesse trabalho, parte-se do princípio que o turismo sexual, ou as atividades sexuais derivadas desse, é uma prática negativa que está ligada, sobretudo, às

¹ Mestrandos do Programa de Pós-graduação em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus, BA. E-mail: charles_reis_alves@hotmail.com; larissa.uesc@yahoo.com.br; lauro.jornalismo@hotmail.com; mararutelima@hotmail.com.

desigualdades sociais e econômicas existentes entre os indivíduos que sustentam essa atividade.

Para entender melhor as conexões do turismo sexual no Brasil e sua correlação com as desigualdades regionais do país, nos anos de 2007 e 2008, as acusações feitas ao Disque Denúncia Nacional² (Disque 100), especificamente relacionadas a casos de turismo sexual envolvendo crianças e adolescentes chegaram a 11.365. Em 2005 e 2006, esse número foi três vezes menor, com 3.551 denúncias (CARACCILO, 2009). Evidentemente, não se pode deduzir que este aumento implica em maior incidência de casos de turismo sexual do que antes, pois o próprio serviço de denúncia pelo Disque 100 se tornou mais conhecido nos últimos anos. Todavia, os números são significativos no sentido de apontar a existência dessa prática tendo como vítimas até mesmo crianças e adolescentes.

As estatísticas oficiais também apontam que as regiões mais pobres são mais vulneráveis ao turismo sexual. De acordo com a Fundação Comissão Integrada de Turismo do Nordeste (CIT/NE) (2010), foi detectada a presença deste em 930 municípios brasileiros em 2009. Destes, 496 encontravam-se na região Nordeste.

Nota-se que a exploração sexual por meio do turismo é um fenômeno que persiste ao longo dos anos. Contudo, no Brasil, para explicar tal ocorrência, o fator socioeconômico, por si só, mostra-se insuficiente. É nesse sentido que este artigo visa traçar um paralelo entre a imagem projetada das mulheres na literatura e o turismo sexual, buscando entender como os discursos literários e representações sociais podem influenciar na criação de um *ethos* da mulher brasileira, que alimenta o imaginário do turista em busca da sexualidade supostamente fácil de nosso povo.

É importante destacar que as informações apresentadas no trabalho foram recolhidas por meio de pesquisa bibliográfica. Como pressuposto teórico básico, utiliza-se a teoria das Representações Sociais. Além disso, apóia-se em quatro importantes obras da literatura nacional, restringindo-se na análise do comportamento dos seus principais tipos para exemplificar tais constatações: Rita Baiana (“O Cortiço” de Aluísio de Azevedo), Gabriela (“Gabriela, cravo e canela” de Jorge Amado), Capitu (“Dom Casmurro” de Machado de Assis) e “Inocentes índias” descritas na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal.

² Informações divulgadas pela Secretaria Nacional dos Direitos Humanos sobre exploração comercial infantil e juvenil no Brasil.

Ainda foi realizado um levantamento de dados sobre o turismo sexual no Brasil em sites de importantes órgãos nacionais, como o Disque 100.

2 A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NA LITERATURA E SUA REPRESENTAÇÃO

A linguagem é o instrumento pelo qual o sujeito se instaura na sociedade e é através dela que a comunicação acontece e os indivíduos exercem seus papéis sociais. As diferentes estratégias comunicativas permitem aos indivíduos a manifestação e a construção de suas identidades e, por conseguinte, a constituição de uma sociedade.

A subjetividade da linguagem está presente em todas as manifestações discursivas da sociedade e se concretiza na construção de diferentes *ethos* culturais instituídos a partir de um determinado lugar social. Na sociedade o texto/discurso manifesta características subjetivas e ideológicas que se materializam em escolhas lexicais e componentes semânticos que compõem diferentes gêneros que, por sua vez, também constituem uma manifestação lingüística arraigada de subjetividade tanto no processo de produção quanto no processo de recepção. Assim, discursos políticos, pedagógicos, literários, científicos, filosóficos e outros adquirem caracteres reveladores tanto do *ethos* que os produziu quanto do *ethos* para o qual foram produzidos (CARREIRA, 2005).

O estudioso francês Dominique Maingueneau (2008), em sua obra “A propósito do *ethos*”, apresenta uma ideia que também serve de referência para esse trabalho. A de que o *ethos*, que mantém um laço crucial com a reflexividade enunciativa, permite articular corpo e discurso para além de uma oposição empírica entre oral e escrito. Também concebe que o discurso abarca todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos. E crê que esse *ethos* recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao “fiador” pelas representações sociais estereotípicas. Assim, atribui-se a ele um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos.

Maingueneau (2008), também afirma que o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica.

Nesse sentido, pode-se estabelecer uma reflexão entre essas representações e a mulher brasileira na literatura, como por exemplo, a mulher brasileira que não entende valores familiares, não respeita laços matrimoniais e é sexualmente disponível como Rita Baiana, personagem do romance “O Cortiço” do século XIX (ALUÍSIO DE AZEVEDO, 1995), que destrói o casamento do português Jerônimo, ou Gabriela (JORGE AMADO, 2001) que acaba seu próprio casamento traindo Nacib porque não entende os laços matrimoniais, encarando o sexo como uma prática livre.

Só porque a encontrara na cama a sorrir para Tônico. Que importância tão grande, por que tanto sofrer, se ela deitava com um moço? Não tirava pedaço, não ficava diferente, gostava dele da mesma maneira, e não podia ser mais (...) Tanta coisa, esse barulho todo, só por que a encontrara com outro? Nem por isso gostava menos, menos queria, menos sofria porque ele não estava (JORGE AMADO, 2001, p. 321).

É importante lembrar que os sujeitos não têm consciência transparente sobre suas identidades e tal concepção associa, e muito, a responsabilidade das construções literárias como se vê a mulher e sua relação no Brasil. Entendendo aqui que quem escreve não o faz sobre si ou sobre uma mulher em especial, mas transforma tal personagem em representação de um grupo em espaço e tempo.

Outra personagem peculiar é Capitu (MACHADO DE ASSIS, 1995), sem dúvida uma das mulheres mais conhecidas e misteriosas da literatura brasileira, mas vista por Bentinho, seu marido, como dissimulada e capaz de destruir toda a sua vida. A história é contada nas memórias célebres de Bentinho na obra “Dom Casmurro” e, mesmo sendo singular, por muito tempo a “moça dos olhos de ressaca” representou todas as grandes mulheres nascidas da pós-revolução científica da segunda metade do século XIX.

Do ponto de vista sociológico, é importante ressaltar que toda e qualquer identidade é construída. Mas o conceito de identidade é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova (HALL, 1999).

Milton Moura (2001), em suas formulações sobre texto identitário afirma que o mesmo é construído ao longo das experiências dos indivíduos e anuncia de forma direta o perfil de um sujeito, podendo se referir tanto a um indivíduo, como a uma sociedade de milhares deles.

Existimos como idênticos porquanto somos continuamente elaborados, como identidades, em textos englobantes que integram e conferem validade ampliada a nossos enunciados particulares, inclusive os mais corriqueiros e a própria afirmação do silêncio. Como objeto de nossa mais simples consideração, existimos como textos (MOURA, 2001, p.01).

Castells (2006) acrescenta que é necessário fazer a distinção entre identidade e o conjunto de papéis assumidos pelos homens. Papéis são definidos como normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. Por isso, pode-se falar em ser trabalhador, pai, jogador de futebol, vizinho e fumante, ao mesmo tempo. Pensando em papéis sociais, percebe-se nos discursos das obras de Jorge Amado uma ausência de papéis femininos considerados “aceitáveis” pela sociedade, como, por exemplo, Gabriela que prefere a condição de amante em detrimento ao papel de ser esposa e mãe.

Contudo, para Castells (2006, p. 23) “identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem”. A partir desse pressuposto, pode-se notar que a identidade é definida como a fonte de significado e experiência de um povo. Dessa maneira a identidade feminina na literatura também produz um significado dela no contexto social do povo brasileiro. Pois, como também afirma Eli Zaretsky, “a política de identidades deve ser situada historicamente” (ZARETSKY *apud* CASTELLS, p. 26).

É interessante, porém, no que concerne à figura feminina nacional, perceber que não há, por parte dos escritores cânones, uma mudança de perfil substancial da primeira impressão que teve Pero Vaz de Caminha das índias brasileiras, visto que os atributos de corpos belos e a volubilidade nas relações reaparecem nos séculos XIX e XX, momentos em que é, de fato, construída a literatura propriamente brasileira.

Não se pretende, aqui, fazer uma reflexão detalhada sobre conceitos de identidades, mas propor com clareza concepções que norteiam a leitura panorâmica na arte literária como influenciadora das identidades. Para tanto, parte-se das concepções da identidade como construídas e mutáveis ao longo das experiências humanas, e que essa imagem pode contribuir para estabelecer e reforçar uma imagem estereotipada para o grupo feminino retratado ao longo dos séculos. O que torna importante discutir suas formas da representação.

A teoria das Representações Sociais, defendida por Moscovici (2009), indica que as representações emergem nos pontos de clivagem de uma cultura, onde há falta de sentido. Assim, busca-se familiarizar o que é não-familiar e, dessa forma, instituir um sentido de

estabilidade. Além disso, as representações sociais mantêm relação com a identidade, já que o sujeito passa a adquirir capacidade de definição, como afirma Duveen

As representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico (Duveen *apud* Moscovici, 2009, p.21).

As representações sociais são para Xavier (2002) “uma modalidade de conhecimento particular” responsáveis pela elaboração de comportamento e a comunicação entre os indivíduos. Portanto, o estudo das representações sociais consiste na análise dos processos pelos quais os indivíduos constroem teorias sobre os objetos sociais, que viabilizam a comunicação e a organização do comportamento.

Pereira (1996) acredita que as representações podem ser reconhecidas como fenômenos psicossociais histórico e culturalmente condicionados. E o termo representação social denota: um conjunto de fenômenos, o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los. Dessa forma, pode-se entender as representações sociais como um meio de interpretação da realidade capaz de organizar as relações inter-pessoais e estabelecer padrões comportamentais aos indivíduos em seu meio social. É através da comunicação existente na interação entre os homens, que pode acontecer tanto através de diálogos como também através dos meios de comunicação, que surgem as representações. Neste caso, as representações são analisadas a partir da produção literária nacional.

Denise Jodelet (1984), assim como Moscovici (2009), acredita que as representações sociais são imagens compartilhadas pela sociedade que resumem um conjunto de significados, sendo um sistema de “referência que nos permitam interpretar a nossa realidade e inclusive dar sentido ao ‘inesperado’: categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenômenos e os indivíduos com os quais mantemos relação” (JODELET, 1984, p.174).

É nesse viés que vale lembrar a carta de Pero Vaz de Caminha, quando tenta tornar familiar a nova terra e seu povo desconhecido ao rei de Portugal. Ao se deparar com o inesperado, Caminha se empenha em descrever algumas circunstâncias de acordo com seu olhar colonizador. Percebe-se uma busca clara em relatar aos atributos físicos dos nativos. Alguns trechos mostram admiração com a pele, as vestimentas, as pinturas. Certo tom de malícia utilizado nas descrições também marca algumas passagens.

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. (...) Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam (PERO VAZ DE CAMINHA, 1500).

Essa ingenuidade dos nativos, em especial das índias, retratada por Caminha em 1500, pode ser considerada como uma representação que origina alguns estereótipos das mulheres brasileiras, quais sejam: belas mulheres, sem vergonhas e, por conseqüência, propícias ao sexo. Cabe ainda destacar que essa ingenuidade pode demarcar também certa fragilidade das mulheres do contexto social.

Essas representações preocupam na medida em que são inseridas na sociedade, contribuindo para a formação do imaginário popular que se perpetua no plano concreto, estabelecendo a afirmação do estereótipo, no qual “as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças individuais do grupo” (ALBUQUERQUE JR, 1999, p.20).

3 DAS DISCUSSÕES LITERÁRIAS ÀS DISCUSSÕES SOBRE O TURISMO SEXUAL

Para discutir como as formas de representação da mulher brasileira através da literatura podem colaborar para a prática do turismo sexual no país, é preciso estabelecer algumas reflexões conceituais sobre esse fenômeno e, a partir daí entender como é projetado o olhar do turista em relação às mulheres do Brasil e as motivações para determinadas práticas.

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT) o turismo sexual seria claramente definido como “viagens organizadas dentro do setor do turismo, ou fora deste, usando suas estruturas e redes de contato, com a intenção principal de efetivar relações sexuais comerciais entre turistas e nativos” (GABRIELLI, 2006, p. 68). Esta definição deixa claro que, apesar de ser uma dimensão turística “marginal”, se desenvolve às margens do turismo convencional, usando da mesma rede e estrutura, e até mesmo com uma organização similar, com pacotes completos voltados para o consumo do sexo.

De acordo com Ávila (2006), o turismo sexual é uma distorção da atividade turística e deve ser coibido pelo Estado e rechaçado pelos demais atores envolvidos no turismo a partir de ações sustentáveis e socialmente responsáveis. Trata-se, nesta concepção, de um problema grave que envolve aspectos econômicos, culturais e ambientais, e que tem origem num conjunto de fatores, como a “ausência de políticas sociais, de planejamento urbano, de espaços públicos de lazer, de infra-estrutura e serviços públicos, unidos à impunidade e aos apelos sexuais característicos da sociedade contemporânea” (ÁVILA, 2006, p. 78-79).

Ouriques (2004), a partir de uma perspectiva marxista do turismo, é ainda mais enfático em sua crítica ao turismo sexual. O autor destaca as desigualdades promovidas pela lógica capitalista do consumo e do lucro, como o principal vetor da exploração sexual das camadas mais pobres da sociedade, a maior vítima do turismo sexual. Ele ressalta que o dinheiro “compra inclusive a virgindade de crianças e adolescentes na Ásia, África e América Latina” (OURIQUES, 2004, p. 3).

Na mesma perspectiva e tomando como exemplo o Brasil, Jenner *apud* Gabrielli afirma que

Há uma estreita relação entre o turismo sexual e a hegemonia econômica dos países-centro, em relação aos países de economia dependente. Não podemos negar que o Brasil é um país receptor de turistas. Nesta perspectiva, o turismo sexual pode ser considerado como um produto turístico de massa e ao mesmo tempo como um reflexo da primazia dos interesses sócio-econômicos das sociedades de consumo mais ricas do mundo atual (2006, p. 84).

Hoje, aceita-se também a existência de turistas sexuais situacionais, ou seja, de visitantes cujas motivações são outras, mas, durante a viagem, aliam suas atividades ao consumo do sexo. Esta visão elege o turismo sexual como um fenômeno mais amplo, que não se restringe, portanto, a uma viagem em busca de sexo. Segundo Oppermann,

Muitos turistas experimentam encontros sexuais simplesmente porque a oportunidade aparece ou porque eles conhecem indivíduos atraentes. Em outros casos, eles simplesmente sentem-se sozinhos e sexualmente privados, e usam a oportunidade de ser um “estranho desconhecido” para usufruir de serviços sexuais (1999, p. 256).*

Para muitos viajantes, o turismo sexual torna-se uma forma de transgredir os padrões morais do local de origem sem crise de consciência e sem sofrer hostilização. Configura-se

* Tradução dos autores

também uma forma de auto-afirmação, possibilitando relações sexuais com muitas pessoas sem o risco de ter a honra e a reputação abaladas.

Complementando essa visão, John Urry (2001) fala do afastamento que os turistas, de modo geral, têm com seus locais de origem, uma ruptura limitada que permite que seus sentidos se abram a novos estímulos. Na reflexão proposta pelo autor, pode-se perceber, de certa maneira, uma relação com motivações que levam as práticas de atitudes que são reprimidas socialmente nos seus países de origem, mas que se tornam permissíveis pelo distanciamento do seu cotidiano. “Existe uma licença para o comportamento permissivo, alegre, ‘não sério’ e o encorajamento de uma ‘communitas’ relativamente livre de restrições, bem como uma proximidade social” (URRY, 2001, p. 27).

Alguns autores destacam ainda certo imaginário que ajudou a formar um estereótipo em torno das mulheres de determinadas localidades. Soares do Bem (2005) defende que o turismo sexual tem origem no exotismo da experiência e na mentalidade colonialista. Ou seja, seria uma nova forma de exploração colonial. Nesse sentido, a dependência e a submissão das mulheres latinas comparadas às mulheres européias e da América do Norte configurariam como fator de estímulo ao turismo sexual. Já a mulher negra permitiria afirmar a supremacia racial e social do turista sexual estrangeiro. Especificamente em relação às brasileiras, diz o autor:

Comumente, as mulheres brasileiras são tidas como mulatas ou negras, com corpos provocantes e dourados pelo sol, imersas em permanente transe carnal, imagens extraídas não só do imaginário carnavalesco ao qual se associa o Brasil, mas também da própria história do colonialismo europeu (SOARES DO BEM, 2005, p.103).

Goffman (1988) lembra que essa construção imagética de um povo é perigosa, pois as pessoas têm preocupações a respeito do outro e estas são convertidas em expectativas normativas do que o outro seja, assim passa-se a exigir, de forma sutil e sem que se perceba, condutas desse outro, de acordo com a categoria em que ele se insere.

John Urry (2001) propõe uma reflexão sobre os pressupostos básicos que levam as pessoas a viajarem, revelando alguns aspectos da alteridade nesse processo. O autor lembra que as paisagens, os ambientes e os povos são construções imagéticas perpetuadas por alguns agentes, dentre eles a literatura. São esses sistemas que criam expectativas e fantasias e motivam o movimento turístico.

Os lugares são escolhidos para serem contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos. Tal experiência é construída por uma variedade de práticas não-turísticas, tais como cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos, que constroem e reforçam o olhar (URRY, 2001, p. 18).

A partir dessa perspectiva, pode-se inferir que a prática do turismo sexual, conforme as estatísticas oficiais e a bibliografia apresentam, perpetua-se no Brasil apoiada, entre outros fatores, pelas representações sobre a sociedade brasileira. E nesse aspecto, as representações sobre a mulher ganham destaque.

As representações sociais e os estereótipos formados a partir da literatura podem significar, salvo as diferenças, as tipificações que guiam o olhar do turista para determinados destinos, bem como esses signos preestabelecidos também interferem nas relações que os turistas mantêm dentro do destino turístico. Assim, poder-se-ia pensar na típica mulher brasileira, no típico modo de se comportar, de se vestir, de se relacionar com os visitantes.

Existe a visão de determinados signos, tais como a típica aldeia inglesa, o típico arranha-céu americano, a típica cervejaria alemã, o típico castelo francês e daí por diante. Esses modos de olhar demonstram como os turistas são, de certo modo, praticantes da semiótica, lendo a paisagem à procura de significantes ou de certos conceitos ou signos preestabelecidos, que derivam dos vários discursos da viagem e do turismo (URRY, 2001, p. 29).

Levando-se em conta que as representações sociais são produto da interação e da comunicação, apresentadas como estruturas que conseguiram uma estabilidade através da transformação de uma estrutura anterior, acredita-se que “a mudança nos interesses humanos pode gerar novas formas de comunicação, resultando na inovação e na emergência de novas representações” (Duveen *apud* Moscovici, 2009, p.22). Contudo, cabe esclarecer que as representações sociais antigas não desaparecem, elas sofrem transformações.

É nessa perspectiva que se pode dizer que o olhar do turista em relação à mulher brasileira não se mantém exatamente igual como outrora descritos na carta de Caminha. Das inocentes índias, a literatura transportou a mulher para o plano da sensualidade mais assumida, como em Gabriela, Cravo e Canela. Mais recentemente, essa sensualidade transcende para imagens das mulheres no carnaval. Em outras palavras, as representações

sofrem alterações, mas a essência da mulher sensual, morena e faceira continua a encantar como elemento exótico, capaz de despertar e motivar o turismo sexual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poucos países possuem a singularidade de terem sua carta de nascimento, como o caso da terra *brasilis*. O registro de um olhar deslumbrado pela natureza e a gente dessa terra. Caminha, o primeiro a dar um parecer sobre nós, afirmou que o Brasil era uma terra de muitas águas e de um povo pacífico com atributos estéticos admiráveis. Nesse sentido, o escritor português dedicou uma particular descrição às mulheres de nossa terra. O fato é que essa impressão “inicial” sobre a ingenuidade e sensualidade dos nativos solidificou-se e incorporou novos elementos ao logo dos anos, cristalizando-se inclusive na literatura nacional com a formação do *ethos* da mulher brasileira.

A teoria das Representações Sociais nos ajuda a compreender como esse fenômeno se instaura. A imagem paradisíaca de uma terra com belas mulheres perpetua-se no imaginário social, sofrendo pequenas alterações, mas sempre dando conta daquilo que alimenta o desejo do turista sexual: virilidade, sensualidade e beleza. Assim, verifica-se que alguns dos motivos que deslumbraram os colonizadores do Brasil ainda continuam a fascinar vários turistas em busca de sexo com a mulher brasileira.

Compreende-se, também, que ficção e realidade por vezes se misturam nesse processo. A ficção cria realidades, quando dirige um discurso que passa a ser absorvido pelos agentes envolvidos no processo, ou seja, o turista e o próprio brasileiro que se utiliza desse imaginário para obter lucros. E a realidade também sendo transformada em ficção, quando se fala em transposição de estereótipos que nem sempre condiz com o real.

Apesar da etnia, da cor, da pobreza e da sensualidade serem apontados como elementos fundamentais de atração de viajantes em busca de sexo, estes itens por si só não explicam o fenômeno do turismo sexual. Não obstante do caráter exótico da experiência, as práticas sexuais passam por outros fatores que também carecem estudos como: segurança oferecida no destino da viagem, a facilidade de encontrar a prostituição, bem como o acesso a informações detalhadas sobre o destino.

Percebe-se ainda que poucos são os teóricos que fazem uma clara relação entre turismo e imaginação ficcional. Portanto, sem limitar a questão ao plano ficcional, entende-se que a construção do desejo sexual do europeu, ou viajante de outro país desenvolvido, em relação às brasileiras, perpassa, também, por questões de idealização imagética de um ser nu e propício ao sexo, outrora índias, Ritas, Gabrielas, Capitus, e hoje as mulheres no carnaval.

Dessa forma, é imprescindível discutir sobre essas formas de representação, a fim de romper com estereótipos que possam potencializar o turismo sexual no país. E essa discussão precisa ser feita tanto no plano das políticas culturais e turísticas quanto do ponto de vista sócio-antropológico. O ponto de articulação entre ambos situa-se exatamente no questionamento se essas representações existentes na literatura e no cotidiano brasileiro trazem a tona elementos genuínos e verossímeis, ou se estamos diante da reafirmação de um estigma cultural estabelecido historicamente a partir de uma visão etnocêntrica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 85° Ed. Rio de Janeiro, Record. 2001.

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Editora Ática: São Paulo, 1995.

ÁVILA, Marco Aurélio. Turismo sexual: conceitos, características e contribuições ao debate. In: MESQUITA FILHO, Odilon Pinto (org.). **Turismo em Porto Seguro**: aspectos. Itabuna: Via Litterarum, 2006.

AZEVEDO, Aluízio. **O cortiço**. 28ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. Literatura Brasileira: textos literários em meio eletrônico. Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006.

CARACCILO, Clivia. Denúncias de exploração sexual no Brasil triplicam nos últimos 2 anos. **BBC Brasil**, Amersfoort, Holanda, 16 jan. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u490879.shtml>>. Acesso em: 20 abril 2010.

CARREIRA, Rosângela A. Ribeiro. **O ethos na construção do discurso pedagógico**. 15º Congresso de Leitura do Brasil Campinas, Unicamp/PUCC-Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais15/alfabetica/CarreiraRosangelaARibeiro.htm>>. Acesso em: 23 maio 2010.

GABRIELLI, Cassiana Panissa. **Das “vergonhas” das índias descritas por Caminha ao turismo sexual**: o uso de imagens femininas atreladas ao desenvolvimento turístico do Brasil. 2006. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (BA), 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JODELET, Denise. **La representacion social: fenômenos, conceitos y teoria**. In: Moscovici, Serge (org). *Psicologia Social*. Barcelona: Paidós, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do Ethos**. IN: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MESQUITA FILHO, Odilon Pinto. Turismo sexual em Porto Seguro: aspectos discursivos. In: MESQUITA FILHO, Odilon Pinto (org.). **Turismo em Porto Seguro: aspectos**. Itabuna: Via Litterarum, 2006a, p. 87-101.

_____. Aspectos do consumo no turismo sexual em Porto Seguro – Bahia. In: MESQUITA FILHO, Odilon Pinto (org.). **Turismo em Porto Seguro: aspectos**. Itabuna: Via Litterarum, 2006b, p. 102-108.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOURA, Milton. **Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia de identidades do carnaval de Salvador**. Tese de doutorado da UFBA, Salvador, 2001.

OPPERMANN, Martin. **Sex Tourism**. *Annals of Tourism Research*, vol. 26, n. 2, 1999. p. 251-266.

OURIQUES, Helton Ricardo. **O turismo sexual na periferia do capitalismo**. VI Congresso Brasileiro de Geógrafos. Goiânia, 18 a 23 de julho de 2004. Trabalho completo, disponível nos Anais do Congresso, em CD-ROM.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Editora da Unicamp, n. 25, julho-dezembro de 2005, p. 281-326.

SOARES DO BEM, Arim. **A dialética do turismo sexual**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

VII SEMINÁRIO 2010 ANPTUR

VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

XAVIER, Roseane. **Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis?**. Pernambuco, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a03.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2010.